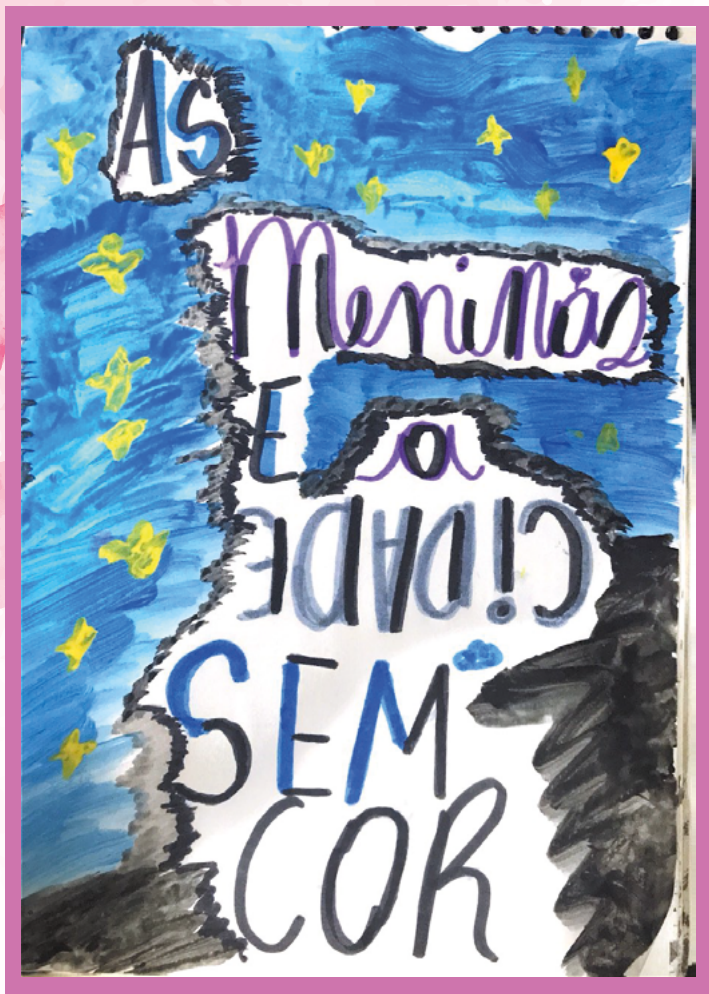




Coleção

**Os Pensamentos Voam e as Palavras se Conectam:
Da Diversidade Humana à Diversidade Literária**



Geovana de Oliveira Nascimento



Guarulhos
CIDADE
EDUCADORA



As meninas e a cidade sem cor

Autora e ilustradora
Geovana de Oliveira Nascimento

I. A CIDADE SEM COR

Letroff era uma cidade cinza, tudo lá era cinza. As roupas eram cinzas, as casas eram cinzas, as escolas eram cinzas e até mesmo o céu era cinza – graças às fábricas que mal deixavam alguém naquela cidade respirar. Era tudo muito cinza e chato naquela cidade e nada, além das horas e dias, parecia mudar.

Margaret se interessava muito em saber o porquê de tanto cinza naquela cidade. Margaret tinha crescido naquele lugar, ela vivia naquele lugar, só não sabia por quê a única cor da cidade era o tão sem graça cinza. Ninguém sabia o motivo, nem se interessavam em saber, parecia que até o cérebro daquelas pessoas era cinza.

Margaret não aguentava mais aquela cor chata que enchia cada esquina em que virava, era como se a vida fosse cinza.

A vida não é cinza, ela é cheia de novidades e movimento, então por que a vida naquela cidade parecia cinza? Ela poderia ser amarela, como o sol que poucos naquele lugar sabiam a definição. Verde, como a grama, como as árvores. Mas tinha que ser cinza e sem graça nenhuma? Ela poderia ser cinza, mas não totalmente cinza. Ela poderia ao menos ter um sol e um céu azul. Então, por quê a cidade era toda cinza? Por que ela não podia dividir lugar com outras cores e deixar tudo mais divertido?

Margaret fazia muitas perguntas mentalmente, olhando da janela do seu castelo. Se ela dividisse com alguém as suas dúvidas, a pessoa ficaria horrorizada e diria que ela era biruta da cabeça.

Annenberg era uma família comum daquele canto da cidade. A senhora Veline era uma mulher de quarenta anos que passava a maior parte de seu tempo lendo livros e, secretamente, escrevia em um caderninho alguns de seus devaneios secretos. O senhor Delfino, seu marido, tinha um certo desinteresse pela leitura, tinha uma opinião muito popular: os livros não são nada mais do que distrações. Eram personalidades opostas e eram totalmente diferentes.

Eram totalmente diferentes e criaram duas filhas totalmente diferentes. Margaret era uma garota questionadora e curiosa. Margaret tinha o potencial de questionar o mundo, ela achava que o real problema dos adultos era dizer que não sabem de nada, eles estavam há mais tempo que ela na terra e tinham a obrigação de saber mais coisas. Oliva era uma garota vaidosa e muito obediente, quando lhe interessava.

As duas garotas viviam em guerra por qualquer motivo, a qualquer hora e a qualquer momento.

Oliva tinha lindos cachos castanhos claros, olhos verde-acinzentados e pele par-da. Margaret tinha cabelo crespo em formato de árvore, pele negra e olhos castanhos. Margaret odiava prender o cabelo, gostava dele solto a quase dez centímetros de sua cabeça. Oliva penteava seus cabelos, e mesmo sendo curto, enchia-o de laços.

Margaret não era tão louca e nem estava tão desesperada para perguntar a irmã qual era o seu pensamento sobre a falta de outras cores na cidade. Margaret precisava

questionar esse assunto com alguém e só havia uma pessoa que poderia entendê-la. Veline era igual a Margaret, só que, por ser uma adulta, teve de esconder algumas partes de sua antiga personalidade.

Margaret decidiu, portanto, fazer uma pequena visita ao quarto de sua mãe. Oliva estava escolhendo qual de seus sapatos usaria para ir comprar roupas quando decidiu isso.

– Vai a algum lugar? – perguntou Oliva, olhando para os seus sapatos.

Margaret tinha se levantado e já estava na metade do caminho até a porta.

– Vou – Respondeu Margaret com frieza.

– Aonde? - Oliva estava perguntando por pura vontade de irritar.

Margaret seguiu seu caminho até o quarto de sua mãe, ignorando a irmã.

O corredor era grande, como quase tudo naquela casa. Francamente, era um castelo apelidado de casa. As portas do corredor eram todas de madeira com maçanetas de ouro puro. No espaço entre uma porta e outra, ficava uma mesinha de madeira com um vaso com flores em cima e na parede ficava um quadro de algum familiar. No piso, havia um grande tapete vermelho que estendia da entrada até a sala de jantar, que era o último e maior cômodo da casa. O quarto dos pais ficava ao lado da sala de jantar.

Margaret estava vestida com um vestido branco sem mangas, seus pés estavam descalços e seus cabelos estavam em formato de árvore.

Bateu duas vezes na porta do quarto, em que quase nunca batia. Uma senhora de óculos meio círculo, cabelo cacheado castanho escuro e pele negra abriu a porta. Vestia um vestido preto de manga longa e seus cabelos estavam presos de forma simples. Era sua mãe, a senhora Veline.

– Sim? – perguntou, sua mãe.

– Preciso te perguntar uma coisa, disse Margaret.

– Entre.

O quarto era enorme. Tinha dois banheiros, um em cada lado do quarto e um closet enorme. A cama de casal estava coberta com lençóis de penas de garça branca e os travesseiros eram de penas de ganso. O piso era de madeira e as paredes eram brancas como o ganso que ficou sem penas para fazer o travesseiro. No norte do grande quarto, ficava uma lareira que era a única iluminação do quarto à noite.

– Sente-se – chamou Veline.

Margaret sentou-se em um baú junto a Veline.

– Qual sua pergunta? – Questionou Veline.

– Por que quando olho pela janela só vejo cinza?

– Ah, bem... as ruas não podem ter cor, querida – Veline não esperava essa pergunta.

– Qual o motivo das ruas não terem cor?

– Bem, existe uma lei que não permite o uso de outra cor além de cinza para as ruas.

– Qual o sentido de uma lei assim? – perguntou Margaret baixando o tom de voz.

– Cores tiram a atenção do que realmente importa.

– Isso não faz nenhum sentido – Disse Margaret.

– Nem tudo faz sentido, Margaret. E eu não sei se você sabe, mas essa cidade é injusta, e isso não faz sentido.

Margaret olhou em volta. Tudo em sua casa era colorido, mas quando queria passar para o mundo lá fora tinha que vestir cinza e ser cinza, como todos naquela cidade. Mas, por que tudo ali era colorido? Ora, se a cidade não tinha cor, por que sua casa tinha?

– Tudo aqui tem cor. – Observou e continuou. – Por que tudo tem cor aqui e lá fora não?

– Eu não sei, querida. Tudo depende de quanto você deseja saber. – Respondeu a mãe, segurando as mãos de Margaret. – O que você deseja e quanto deseja, Margaret?

– Eu desejo trazer as cores de volta, e o meu desejo tem o tamanho de todo o universo.

– Então, vá em frente. É a sua missão agora, um comprometimento nobre, finalizou senhora Veline.

II. AS MENINAS QUE QUERIAM RESPOSTAS

Margaret saiu do quarto de sua mãe inspirada em trazer as cores de volta àquela cidade. Foi até a biblioteca que ficava na frente do quarto e também ficava ao lado da sala de jantar. A biblioteca tinha várias colunas de livros. Os livros cercavam uma única mesinha quadrada com duas cadeiras, onde sentavam-se os leitores depois de pegar seus livros. Margaret ia demorar para achar o que estava procurando.

Olhou para uma das colunas de livros e interessou-se por um livro novo na biblioteca. A menina era conhecida por suas fácies distrações. Surpreendeu-se quando viu que não tinha absolutamente nada gravado nas páginas. Levantou-se da cadeira e pegou outro livro; não tinha nada escrito em todos os vinte livros que ela olhou.

– Tem algo estranho acontecendo aqui. – Murmurou baixo.

Ouviu um barulho, alguém estava se aproximando. Na última coluna, tinha

um espaço vazio e sem prateleiras, Margaret subiu na escada até lá rapidamente. Eles entraram quando ela estava no último degrau da escada, felizmente não conseguiram vê-la.

Eram dois homens, que Margaret não conseguia enxergar direito da altura que estava. Um estava com peruca encaracolada loira, e o outro tinha cabelos cor de brasa:

– Viu as mudanças que o novo presidente de Letroff anda fazendo? Parece que finalmente temos um bom dono. – Disse o homem de cabelos de brasa.

– Com toda certeza, temos muitas distrações, e cores não são mais do que uma verdadeira distração. – Disse o homem de peruca loira. Sua voz era calma e não perdia a elegância.

– Cores só servem para distrair e livros são a mesma coisa, nenhum deles serve para a vida de alguém. – Falou o outro e logo continuou com tom mais baixo.

– Mas ninguém sabe quem ele é.

– Ele é o melhor presidente que Letroff já viu. – Respondeu o homem de peruca loira.

– Agora vamos. Delfino está esperando no escritório.

Margaret olhava para eles com um olhar confuso. Como dois homens podiam ser tão ignorantes? E como ninguém fazia nada sobre aquilo? Era um absurdo, como podia ser tão pouco discutido? Aquilo era um verdadeiro mistério. Quem era o tal novo presidente de Letroff? Letroff tinha um dono?! Ela precisava saber, mas como? Sem livros era difícil conseguir informações. Precisava saber quem a ajudaria, devia haver alguém que tivesse informações. E só havia uma forma de saber: indo à cidade.

Margaret precisava pegar seu vestido cinza no seu quarto. Oliva estava escolhendo o seu vestido para ir às compras, quando ela chegou. Quem demora tanto para escolher uma roupa? Pensou e repondeu para si mesma. Oliva Annenberg!

– Já voltou? – Perguntou Oliva, deixando claro que não estava feliz.

– Ainda está aqui? – Perguntou Margaret, copiando o tom da irmã.

Oliva ignorou. Margaret foi até o seu armário no oeste do grande quarto para procurar o vestido cinza, enquanto Oliva continuava escolhendo o vestido.

As garotas dormiam em duas camas grandes, uma ficava na parede do lado norte, e a outra, na parede do lado sul. As duas tinham dois armários cor de palha, um embutido em cada canto do quarto.

Perto do armário de Oliva, havia uma penteadeira, cheia de acessórios, pentes e maquiagens. Perto do armário de Margaret, havia uma mesa de madeira cheia de livros, cadernos e estojos, a mesinha tinha duas gavetas nas quais ela guardava coisas desinteressantes, como um pente velho, um colar de ouro e alguns elásticos de cabelo. As grandes janelas ficavam ao lado da cama de Oliva. As janelas davam vista

para a cidade cinza.

Depois de alguns minutos, Margaret achou o vestido. Era um vestido cinza com botões na gola, era simples e poderia ser feio aos olhos de alguns, como era aos olhos de Oliva:

– Para onde vai com essa coisa horrível?

– À cidade.

– Boa sorte. – Disse Oliva, com uma pitada de sarcasmo em sua voz.

Margaret a ignorou. Adorava vestidos simples e básicos, e sua irmã não podia gostar de nada além do contrário.

Depois do silêncio profundo que transbordou o quarto, Margaret tentou puxar conversa com Oliva:

– Sabia que tem uma lei que proíbe cores além de cinza na cidade? - Não percebeu que tinha perguntado sobre o assunto que não era permitido conversar com Oliva.

Oliva arqueou as sobrancelhas. Ela sabia onde Margaret queria chegar, mas não era da conduta de Margaret perguntar aquilo.

– Eu sei... esse é o motivo de tanto cinza na cidade – Respondeu Oliva, que enganou-se em pensar que Margaret não levaria aquele assunto à frente.

– O que acha disso? – perguntou Margaret.

– Eu acho cinza chato demais. A cidade ficou chata demais. - Oliva, por um momento, arrependeu-se de ter exposto sua opinião.

– Acho o mesmo. Na verdade, as cidades são coloridas, uma cor só em uma cidade torna-se chato. Mas o pior é que as pessoas estão tão focadas em outras coisas, como os seus trabalhos, que mal percebem que só há cinza na cidade.

Oliva hesitou, Margaret tinha a mesma opinião que a dela.

– Você está certa. – Concordou Oliva.

Margaret perguntou-se se a conversa era real ou era um sonho. Sua irmã nunca concordava com ela, em momento algum; aquilo nunca foi presenciado, desde pequenas, elas discordavam em tudo. Talvez fosse o começo de uma nova fase entre as duas. Talvez aquele momento fosse um dia que deveria ficar marcado na história.

– Ah, você poderia me ajudar... – Disse Margaret, depois de alguns minutos de silêncio.

– Ajudar em quê? – Perguntou Oliva.

– Ajudar a trazer as cores de volta.

– Como pretende fazer isso? – Aquela causa acendeu uma chama de curiosidade em Oliva.

– Primeiramente, pretendo descobrir quem e como o homem que impôs essas leis chegou ao poder. Depois eu vejo o que faço e o que procuro.

Oliva pensou na resposta por alguns segundos e respondeu:

– É meio maluco, mas é interessante. Eu aceito te ajudar.

Ofereceu a mão para Margaret, e as duas deram um aperto de mão.

– Sou sua colega de missão agora – Disse Oliva, levemente desacreditada.

– Eu vou procurar alguém na cidade que tenha informações sobre isso. Alguém deve ter o mesmo pensamento que nós duas temos.

– Então vamos.

– Vai cancelar sua ida às compras? – Perguntou Margaret, não acreditando que Oliva cancelaria.

– Eu cancelo. – Disse Oliva de forma clara.

– Está bem. – Disse Margaret, incrédula.

Oliva escolheu um vestido cinza de saia em formato de roda, tinha manga longa e dois bolsos no peito. Amarrou de lado na cabeça um véu brilhante cinza, que cobria sua cabeça e mostrava somente o comprimento dos cachos curtos. Margaret colocou seu vestido cinza de botões e seus tênis cinzas sem cadarços. Seus cabelos pretos continuaram soltos em formato de árvore acima de sua cabeça.

Arrumadas, as duas meninas saíram e esperaram uma carruagem para levá-las ao segundo monte. A carruagem chegou alguns minutos depois. Era preta com detalhes feitos em puro ouro, seus bancos eram vermelhos e tudo nela era muito bonito. As irmãs embarcaram e começaram a viagem.

Quando olhava-se para o castelo – que se chamava casa –, não parecia que era tão grande. Era vermelha desbotada, as janelas eram grandes e quando descia-se a ladeira – a casa ficava no topo de um monte, cheio de casas e lojas –, dava para ver as oito janelas, todas cobertas com cortinas brancas.

Margaret olhava com tristeza a fumaça saindo pela chaminé das fábricas. O céu estava cinza e o ar tinha cheiro de fumaça. Desceram a ladeira e foram parar em uma estrada de tijolos de pedras com casas iguais. Eram cinzas com telhado baixo e continuavam assim. Não havia prédios na parte plana, só havia casas iguais com cercados iguais.

– Tenho certeza de que isso já foi colorido. – Disse Margaret com pesar.

– É tudo tão chato. – Lamentou Oliva.

Aqueles comentários deixaram o velho motorista de cabelos grisalhos e boina com raiva. Ele mandou que as duas saíssem e deixou-as por lá.

- Qual o problema dessa gente? – Perguntou Oliva com raiva.
- O problema é a cegueira. Eles olham, mas não enxergam a realidade.
- Isso é verdade. – Concordou Oliva.
- Vamos seguir em frente, o outro morro é mais movimentado.

As duas seguiram pelo caminho de casas cinzas até chegar ao morro no final das casas. O caminho parecia as voltas do corpo de uma serpente, era um chato e cansativo caminho. As garotas foram conversando a maior parte do caminho:

- O que será que esse novo presidente, o dono de Letroff fez para que fosse eleito?
- Perguntou Margaret.

- Algo muito convincente. – Respondeu Oliva.

- Muitas pessoas votaram nele e, se pudessem, votariam de novo. Por isso vai ser difícil trazer as cores de volta. Não basta descobrirmos como ele conseguiu estar onde está, temos de descobrir o que essas pessoas acreditam que ele vai fazer.

- Eu li um pouco sobre ele, o nome dele é Ludovic de La Fontaine. Sua origem é desconhecida. Ele diz que veio da França, mas não há nenhuma prova disso. – Disse Oliva.

- O sobrenome é comum na França. Há alguma prova que este é o nome dele? – Indagou Margaret, sentindo-se uma detetive.

- Nenhuma prova. Tudo sobre ele é desconhecido.

- Parece que fez mesmo algo muito convincente para ser eleito...

- Sabemos o que ele fez quando achamos a tal pessoa que pensa como nós, disse Oliva.

- Qual pessoa? Você está sabendo bastante... – Disse Margaret, sem entender. Mas sua irmã sabia bastante...

As duas já estavam na ladeira do outro morro. Seguiram andando até uma biblioteca. Parecia uma casa normal. Tinha telhado de palha cinza e era de madeira cinza, a porta fina era feita de madeira cinza. Estava fechada, uma placa cinza na porta deixava isso bem claro. A maioria das bibliotecas naquela época fecharam as portas depois da tal outra lei absurda. Só havia uma biblioteca aberta, a da casa das garotas, mas os livros estavam em branco.

III. A BIBLIOTECÁRIA

Margaret bateu duas vezes na porta e ninguém atendeu. Oliva bateu duas vezes e, de novo, ninguém atendeu.

- Deve ter se mudado. – Murmurou Margaret.

Oliva notou um pequeno número, era bem pequeno e estava escrito bem ao lado da porta:

– 936273 – Ditou ela.

– O quê? – Perguntou Margaret, não entendendo o porquê de a irmã ditar aqueles números.

– 936273 – Repetiu Oliva.

De repente, um pequeno bilhete foi lançado por baixo da porta com os seguintes números escritos:

915 3151271

– O que é isso? – Perguntou Oliva, não reconhecendo o código.

– Pegue para mim. – Pediu Margaret.

Oliva entregou o bilhete, e Margaret julgou com atenção por alguns minutos, depois desviou o olhar, como se fosse achar a resposta em algum canto daquele morro. Seus olhos brilharam, finalmente uma teoria sobre o que seria aquilo.

Oliva arqueou as sobrancelhas. Às vezes, não entendia ser irmã de alguém tão estranha. Margaret abaixou-se e começou a desenhar na areia cinza todo o alfabeto, depois contou as letras e percebeu que sua teoria estava... errada. Não existia número 91 ou 31 no alfabeto. Aquilo era loucura, como ela achou que podia dar certo. Mas se os números estivessem de trás para frente?

Margaret escreveu o código de trás para frente:

1721513 519

Um sorriso de canto nasceu em seu rosto, agora ela sabia o que aqueles números significavam. Levantou-se e bateu duas vezes na porta de novo:

– Eu sou Margaret Annenberg e estou com a minha irmã, Oliva Annenberg – Respondeu.

Outro bilhete foi lançado por baixo da porta. Dessa vez não era um código, estava escrito uma pergunta:

O que quer com a gente?

– Só poderei falar quando responder minhas perguntas. – Respondeu Margaret.

Outro bilhete foi jogado por debaixo da porta:

Que perguntas?

– Vocês apoiam a proibição de cores? – Perguntou Margaret, quase sussurrando.

Mais um bilhete foi apresentado:

Nós não achamos isso justo.

– Nós estamos procurando respostas sobre isso, podem respondê-las? – Perguntou Oliva pela primeira vez.

Podemos, agora queremos saber o que querem com isso.

– Nós queremos trazer as cores de volta. – Respondeu Margaret.

Podem entrar, seu motivo nos interessa.

A porta abriu-se com um rangido arrepiante e as garotas entraram. Era uma casa com piso de madeira e paredes pretas, havia duas estantes de livros, uma em cada lado da sala e um tapete redondo de cor branca e azul decorava o chão.

Margaret andou até uma das estantes e, quando chegou à frente, ela dividiu-se em duas estantes, abrindo uma passagem para uma biblioteca. As irmãs entraram e perceberam que a biblioteca era um pouco maior do que a de sua casa, tinha várias colunas de livros que cercavam as três mesas separadas para leitura:

– Olá! – Disse uma mulher, sentada em uma cadeira de costas para a mesa. Era uma mulher de pele branca, cabelo loiro cacheado prendido em um rabo de cavalo baixo e olhos cor de mel.

– Quem é você? – Perguntou Margaret.

– Sou Merline Catavento, amiga de leitores que agora sofrem pelos seus livros. – Respondeu, sem tirar da mão o livro que estava lendo.

– Precisamos de respostas. – Pediu Oliva.

– Certo, fique à vontade. Essa biblioteca foi a única que não foi roubada.

– Roubada? – Perguntou Margaret.

– As palavras de todas as bibliotecas da cidade sumiram, assim que a lei foi assinada. E o pior, as nossas crianças estão desaparecendo todos os dias também. La Fontaine é um mistério, os planos dele igualmente. – Explicou Merline.

A mulher estava dentro de um lindo vestido de manga longa, sua cor era verde escura com detalhes na manga de cor de ouro.

– Fiquem à vontade. Que livro vocês querem?

– Nós queremos... – Margaret hesitou, não sabia que livro pegaria.

– Livro de Ofeline, desça aqui! – Chamou a mulher.

Antes que Margaret pensasse em um livro. O livro saiu pelo ar até pousar em uma das mesas de leitura da sala. As meninas arregalaram os olhos, assustadas com o que tinham visto.

– O que foi? – Perguntou a mulher, impressionada com a reação das meninas.

– A cidade que vocês vivem não é a cidade que vocês imaginam. E vocês acham mesmo que tudo que aconteceu é normal? – Completou.

Merline virou-se para a porta e as estantes abriram-se. Ela saiu elegantemente. Em seguida, as estantes fecharam.

– Oliva, eu vou olhar o livro de Ofeline, e você procura outro que pode nos ajudar.

Oliva obedeceu. Margaret sentou-se na mesa e começou a folhear o velho livro marrom.

– Ela disse que tinha letras. – Queixou-se Margaret.

– O seu não tem? Os que estou vendo possuem letras. – respondeu Oliva de cima da escada.

Margaret assustou-se ao ver letras na segunda página que diziam:

Só funciono com perguntas.

A menina achou estranho, mas resolveu testar:

– Como o Dono de Letroff chegou ao poder?

As letras começaram a aparecer e responderam a pergunta perfeitamente:

Ludovic de La Fontaine, mais conhecido como Dono de Letroff, chegou ao poder graças à falta de escolha dos seus eleitores.

– Por que as letras e palavras dos livros desapareceram? – Perguntou Margaret novamente.

O resultado foi um pouco diferente. A única resposta que Margaret recebeu foi: Lendas do Sekistavino.

Margaret ficou confusa, qual a relação das lendas com as palavras terem sumido dos livros?

– Livros de lendas, desçam! – Gritou Margaret.

Dez livros enormes voaram e pousaram um em cima do outro.

– O que quer com lendas? – Perguntou Oliva, que já tinha pegado um livro do assunto que procurava.

– Curiosidade, Oliva. – Respondeu Margaret.

Oliva revirou os olhos vendo que a irmã tinha arrumado uma de suas famosas distrações. Procurou pela pilha de livros algum livro com algo parecido com Lendas do Sekistavino, até chegar ao último livro; era um livro velho e vermelho que Margaret mal conseguia levantar. Olhou a segunda página e viu que aquele era o livro de Lendas do Sekistavino.

– Qual página, Livro de Ofeline? – Perguntou Margaret.

O número seiscentos e sete apareceu no Livro de Ofeline antes que ela terminasse de falar. Margaret procurou aquela página e, quando chegou, começou a ler. Não sabia como, mas as palavras borbulhavam sentidos em sua mente.

Falava sobre os Anquelites, uma família de monstros da Terra dos Pesadelos. Eram os piores monstros da face de toda a terra, ninguém viu monstros tão maus vindos daquela terra. Eles não queriam só dominar a civilização de monstros de todas as terras, eles queriam a humanidade controlada por suas leis, que podiam parecer estranhas, mas faziam parte de um plano cruel de dominação.

Margaret desviou o olhar para as estantes de livros, preocupada com a coincidência entre a lenda e a realidade. Lembrou-se das informações que Oliva compartilhou com ela no caminho, a origem dele é desconhecida, até mesmo o nome do dono de Letroff era incerto. Margaret queria ver quanta poeira havia debaixo do tapete, só não sabia que ia achar um rato tão grande... Achar? Ela nem tinha certeza, ele podia ser tantas coisas, por que seria algo tão impossível?

– Oliva, venha aqui. Preciso te mostrar uma coisa – Chamou a irmã, a preocupação reinava em sua voz.

Oliva saiu da estante e foi até Margaret.

– Leia isso – Pediu Margaret, arrastando o Lendas do Sekistavino pela mesa.

A expressão de Oliva mudou conforme ela ia lendo, descobrindo cada vez mais a coincidência entre a lenda e a realidade. Quando ela terminou, olhou para Margaret com seriedade:

– Acha que ele pode ser isso?! – Perguntou. Sua voz era trêmula e estava tingida de medo.

– Acho que sim. As leis dele são absurdas e estranhas, e ele domina a população; há poucos que discordam dele.

– Existem muitas coincidências. Eu estava lendo a Biografia De La Fontaine. Uma fumaça branca saía de sua casa no dia da eleição, poderia ser algum tipo de feitiço do mal? – Perguntou Oliva, tentando disfarçar seu grande medo de histórias de terror.

Margaret olhou para o Livro de Ofeline.

– Poderia? – Perguntou.

Anquelites, respondeu o livro, deixando Oliva impressionada.

– Esse livro te responde? – Perguntou Oliva.

– Ao que me parece, ele é um livro de respostas – Respondeu Margaret. – Anquelites, desça aqui! – Chamou.

Um livro veio voando e pousou bem na frente de Margaret. Era um livro marrom, bem mais leve do que o Lendas do Sekistavino, mas também parecia ser bem antigo.

– Qual página? – Perguntou Margaret para o Livro de Ofeline.

Vinte.

Margaret abriu o livro exatamente naquela página. Falava sobre um feitiço de dominação dos Anquelites. Os monstros preparavam e deixavam a fumaça branca subir pela chaminé; aquela fumaça contaminava os olhos da população, deixando assim tudo sob o seu controle.

– Não imaginei que receberíamos uma resposta tão exata. – Murmurou Margaret.

IV. FUMAÇA SEM COR DE FUMAÇA

As estantes se abriram, e Merline entrou, foi até as meninas e passou o olho rapidamente pelo que estavam lendo:

– O que acharam? – Quis saber Merline.

– Estamos descobrindo informações bastante coincidentes. – Respondeu Margaret.

– Em especial, Os Anquelites e o Feitiço de Contaminação. – completou Oliva.

– Eu também desconfiei deles, mas simplesmente não consigo ler esses livros, como se eu não soubesse ler. – Explicou Merline.

– Provavelmente, a fumaça contaminou seus olhos, mas não tanto quanto os olhos dos outros. – Sugeriu Margaret.

– É verdade... Margaret, por que nossos olhos não são iguais aos olhos dos outros? – Perguntou Oliva.

– Perguntem ao Ofeline. – Disse Merline.

– Ofeline, por que nossos olhos não estão contaminados? – Perguntou Margaret.

Todo feitiço tem seu preço...

– Todo feitiço tem seu preço?! – Repetiu Margaret. – O preço do Feitiço de Contaminação é que as crianças vejam a verdade!

Sim... Respondeu o livro sem que ninguém tivesse pedido resposta.

– Merline, já conheceu alguma criança que tinha dúvidas sobre as cores e as leis?

– Então... – Merline hesitou.

– Então...?!

– Os casos de desaparecimento de crianças aumentaram muito depois que a fumaça começou a contaminar o ar.

– O que significa que nossa teoria acaba de ser confirmada? – Disse Oliva, com um

sorriso brilhante nascendo em seu rosto.

– Eu não sei se isso é bom, Oliva... Ponderou Margaret.

– Isso, com toda certeza, não é bom. Os Anquelites são os piores monstros de todas as nossas lendas locais, agora vocês estão lutando contra cinco vidas perigosas.

– Explicou Merline. – Mas nada deve impedi-las, vocês têm de continuar. O próximo passo é procurar de onde essa fumaça está vindo.

– Exato. Mas antes, precisamos saber qual a fraqueza deles. – Lembrou Oliva.

– Isso nem os livros sabem. O maior segredo de um monstro é a sua fraqueza. Monstros, principalmente, os maus. Eles escondem muito bem os seus segredos.

– Respondeu Merline.

Em seguida, levantou-se e andou até o norte da biblioteca, as estantes abriram-se e um vento frio invadiu a sala.

– Precisam ir, a batelada das cinco horas já está se preparando para começar.

– Por que temos que ir antes da batelada das cinco horas? – Perguntou Oliva.

– Por que você disse, principalmente os maus? Os monstros não são todos maus? – Perguntou Margaret inquieta com o que Merline havia dito.

– Margaret, os monstros pertencem a uma civilização bem mais antiga do que a nossa. Existem os bons e os maus, os que sabem os estragos que causam e os que nem sabem e nem conseguem entender o que são estragos; eles fazem parte de um mundo próprio dentro do nosso mundo. – Respondeu Merline.

A mulher era uma peça rara; era difícil achar alguém que soubesse tanto sobre lendas locais.

– Meninas, depois da batelada das cinco horas a fumaça começa a espalhar-se pela cidade. Vocês vão segui-la hoje ou amanhã?

– Querem que a gente esteja em casa para o jantar, hoje não dá! – Respondeu Oliva.

– Então, adeus meninas, bom caminho de volta pra casa. – Desejou Merline abraçando as duas meninas.

As duas estavam no meio do caminho até a estante, quando Margaret voltou correndo até a mesinha onde estavam. Pegou o Livro sobre os Anquelites e o Livro de Ofeline. Rapidamente, olhou com cara de cachorrinho pidão para Merline, que logo respondeu:

– Pode levar.

As garotas saíram em direção à casa. Era o mesmo caminho e nada mudava; era um caminho cinza, como a cidade. Sem cor e sem crianças...

A conversa das duas era a única alegria que podia colorir o caminho, se não fosse

por um imprevisto. A fumaça era diferente. Não tinha cheiro de fumaça, também não tinha cor de fumaça.

– Corre! – Gritou Oliva, puxando a irmã pelo braço. Ela previa que o feitiço de fumaça tinha chegado mais cedo do que Merline previa.

Correram o mais rápido que podiam. Quando chegaram ao primeiro monte, uma carruagem já estava a caminho para pegá-las. A mesma que as tinha abandonado no caminho. O cavaleiro pediu desculpas por tê-las abandonado. Ele parecia muito preocupado. Sem nem ouvir direito, afinal, ele não tinha culpa, as duas entraram na carruagem, que logo partiu chicoteando os pobres cavalos brancos.

– Essa fumaça não é das fábricas. – Observou Margaret, olhando para o topo do segundo monte, onde ficavam as fábricas e os doentes de pulmão.

Realmente, não vinha das fábricas, apesar de uma fumaça continuar saindo das fábricas, a que estava perto delas vinha de algum lugar bem abaixo da montanha, onde ficavam os dois montes e o bairro Ruspétrik. Aquele bairro de casas iguais, onde as garotas foram deixadas. As meninas olhavam a fumaça se espalhar pela cidade, Margaret estava distraída com a possibilidade delas serem afetadas.

– Não se preocupe, Margaret. Nós nunca fomos afetadas e não seremos agora. – Assegurou Oliva, percebendo a preocupação da irmã.

– Não sei por que não somos afetadas. – Sussurrou Margaret, sem tirar os olhos da fumaça vinda de debaixo da montanha.

– Eu também não. Mas não é ruim não sermos.

Chegaram em casa. Tudo estava como sempre era, janelas cobertas por cortinas brancas, paredes de tinta vermelha desbotada, e as grandes portas de madeira da entrada. Margaret, mesmo assim, sentiu que algo estava estranho.

– Algo está diferente, não acha, Oliva? – Perguntou Margaret desconfiada, enquanto saía da carruagem.

– Não percebo nada. – Respondeu Oliva.

Saíram da carruagem e de braços entrelaçados foram até a entrada. O vento estava forte, balançava os cabelos das meninas e dificultava a caminhada.

– Esse vento que está estranho. – Disse Oliva, quando já estavam seguras com a porta de madeira fechada.

– Essa escuridão e esse silêncio são ainda mais estranhos – Disse Margaret, vendo que tudo estava fechado e não havia movimento na casa.

Andaram de braços entrelaçados pelo corredor, o escuro daquele corredor dava medo. O silêncio arrepiava os pelos dos braços das meninas. Ouviram um assobio arrepiante; o silêncio começou a fazer falta.

– Oliva...

– O que foi? – Sussurrou Oliva com o braço grudado na irmã.

– Ninguém está em casa. – Sussurrou Margaret.

Ouviram três batidas na porta. Não na porta de entrada, mas em uma das portas do corredor. Aquilo era assustador. Se ninguém está em casa, ninguém batera na porta, então quem era esse ninguém que bateu três vezes na porta?

– O que vamos fazer? – Sussurrou Oliva.

– Vamos para a sala de refeições.

Seguiram em linha reta pelo corredor e, quando chegaram, Margaret abriu a porta da sala de refeições rapidamente. As paredes da sala de refeições eram cobertas por panos parecidos com tapetes, que tinham várias cores e só eram usados em ocasiões especiais para decorar a parede de madeira escura. A mesa era de madeira e tinha cerca de dezoito lugares, com cadeiras de madeira de estofado vermelho. A sala era enorme e assustadora, Margaret questionou sua ideia depois de entrar lá. A porta bateu com uma força impressionante bem atrás das meninas.

– Por que ainda estamos nesta casa, Margaret? – Estremeceu Oliva.

– Porque não somos duas covardes. – Sussurrou Margaret.

– E qual benefício isso tem, Margaret?

Margaret ignorou a pergunta de Oliva. Soltou a irmã e abriu a porta novamente, ficando de frente para o corredor.

– Quem está aí?! – Gritou Margaret, ignorando seu medo desencorajador.

– Queremos negócios. – respondeu uma voz, que ecoou pelo corredor. Era a voz de um menino de cerca de onze anos.

– Quem quer negócios? – Perguntou Margaret.

– O menino Negociador. – Respondeu a voz em eco.

– Que negócios são esses? – Perguntou Margaret.

A voz não respondeu, mas Margaret continuou esperançosa.

– Detetives, detetives queremos negócios. – Respondeu uma voz diferente, parecia a voz de uma menininha.

– Que negócios são esses? – Perguntou novamente.

– Os negócios de ajuda. Querem ajuda? – Perguntou a voz da menininha.

– Queremos ajuda. – Respondeu Margaret.

– As detetives querem ajuda? Então vamos ajudar. – Disse a voz da garotinha.

Um silêncio pairou sobre a sala.

– Cadê a minha ajuda? – Perguntou Margaret.

As vozes sumiram... Oliva estava tão branca quanto a neve. Como podia a sua irmã falar com coisas que elas nem viam?

– Vamos Oliva! – Chamou Margaret, que já estava na porta do quarto.

– Va... va... Vamos... – Gaguejou Oliva.

– Não é para tanto, essa voz é bem mais amiga do que a maioria dessa cidade.

– Mas, mesmo assim, ela é assustadora! – Exclamou Oliva.

O quarto estava totalmente escuro e sombrio. Oliva tirou o véu enrolado em horizontal de sua cabeça e se jogou na cama, sem se importar com a iluminação.

– Oliva? – Disse Margaret ao lado de sua mesinha de madeira, onde estava pegando velas.

– O que foi? – Perguntou Oliva, de cima de sua cama.

– Sabe que o papai e a mamãe não estão aqui, não é? Eles nem fizeram barulho.

– A janela do quarto estava aberta. Provavelmente, eles foram sequestrados. Isso está bem claro. – Disse Oliva, sem abalo em sua voz.

– Vamos achá-los. Também encontraremos as crianças desaparecidas. Amanhã seguiremos a fumaça.

Margaret colocou as velas nos pires e sentou-se na cama, deixando que seus pensamentos voassem. Elas tinham uma responsabilidade tão grande em mãos. Margaret estava preocupada, ela não sabia qual caminho iriam, muito menos qual seria o final desse caminho...

Um poço fundo, uma alcatéia de lobos famintos. Ela não sabia o que a esperava no final da trilha e não sabia se estava seguindo uma trilha. Ela tinha descoberto poços profundos, e esses poços escondiam muitos segredos e, quanto mais fundo ela descia o poço, mais ela acharia segredos amedrontadores.

Deitou-se na cama e fechou os olhos, mas não conseguiu dormir. Acendeu a vela de novo e foi até a janela. Lá fora, estava escuro, o sol nem tinha nascido. Aquela era a hora perfeita para sair, ninguém nas ruas, todos dormindo.

Margaret sentou-se em sua mesa e pegou uma agenda de cor verde e um lápis preto. Mas, quando se sentou na mesinha, não sabia o que escrever.

De repente, sua mão começou a escrever sem a sua vontade. Assustou-se e soltou o lápis, porém do mesmo jeito continuava escrevendo: 97023. Esse número foi escrito em uma folha inteira de forma sobrenatural. Seria aquela a ajuda que os fantasmas lhe deviam? Ela não sabia, só sabia que não foi ela quem escreveu aquilo.

– 97023? O que isso significa? – Perguntou, confusa com o que tinha acabado de acontecer.

Aquilo era estranho, mas não era a primeira vez que acontecia algo estranho com Margaret. Levantou-se da mesa e foi até o seu armário, pegou uma capa cinza com capuz e vestiu. Em seguida, pegou sua agenda e seu lápis e os guardou no bolso interno da capa. Estava andando até a porta do quarto, quando lembrou-se de Oliva.

V. A HEROÍNA SOLITÁRIA

– Ah! – Exclamou com as mãos cobrindo a boca. Deu meia volta e foi até a cama da irmã, que estava vazia com apenas um bilhete solitário. Oliva tinha sumido. Margaret sentou-se na ponta da cama com a sobrelanceira franzida, pegou o bilhete de caligrafia mal feita e leu:

– Desista de procurar respostas, ou nunca mais vai vê-la... – Leu em voz alta.

Margaret largou o bilhete ao seu lado na cama. Desviou seus olhos para baixo, lágrimas fugiam de seus olhos. Onde ela estava? O que fariam com ela? Perguntava-se. Não podia simplesmente continuar, ela nunca veria Oliva se continuasse. Ela tinha que desistir, desistir era a coisa certa a fazer.

– Não! – Gritou a voz de uma garotinha, a mesma que tinha falado com ela na noite anterior.

Margaret olhou para todos os cantos do quarto, procurando a dona daquela voz.

– Não nos deixe morrer! – Gritou a voz do garoto, também era o mesmo da noite anterior.

– A vida de Oliva está em risco! – Retrucou Margaret.

– A vida da nossa civilização está em risco! – Gritou a menininha, sua voz estava embargada de choro.

– Eu não posso abandonar a minha irmã!

– Várias irmãs irão morrer. Eles mentem. Você tem mais chance de vê-la se continuar lutando pelas cores, se parar, eles nunca irão devolvê-la – Disse o garoto.

– Quem pegou minha irmã?

Eles não responderam, deixando Margaret sem respostas de novo.

Margaret tinha que continuar sem Oliva. Ela não podia deixar de realizar seu grande propósito, tinha uma missão e Oliva ia querer que ela continuasse. Além disso, a civilização das duas vozes estava em risco. Ela tinha que continuar e isso não era uma escolha.

Colocou o capuz em cima de seus cabelos e levantou-se. Pegou o bilhete e dobrou-o até que ficasse pequeno o bastante para caber no bolso pequeno da capa. Saiu do quarto e andou pelo corredor sombrio até a porta de entrada. Abriu a porta, mas não saiu imediatamente. Colocou a cabeça para fora e avaliou o morro, estava vazio e ninguém transitava por ele. Ela andou em direção ao morro, silenciosamente, pois não queria a atenção de ninguém.

Antes do segundo morro, ficava a ladeira da montanha, no final dela ficava a parte central da cidade. Um lugar onde Margaret nunca tinha pisado, mesmo sabendo que uma parte da cidade morava lá embaixo.

O bairro Ruspetrik estava escuro, não havia nenhum poste lá; era tudo sombrio e amedrontador. As casas pareciam paredes que cercavam Margaret como um labirinto. Passar por aquelas casas sozinha era de fato enlouquecedor, um caminho de menos de dez minutos parecia um caminho de duas horas.

Quando chegou à ladeira da montanha, a coragem de Margaret fugiu para uma terra distante bem longe dela. A ladeira era enorme, descê-la sozinha era loucura.

A cabeça de Margaret estava em um redemoinho, existia uma velhinha dentro dela que dizia que ela não deveria tentar descer e, ao mesmo tempo, existia uma jovem inconsequente que dizia que ela tinha que descer, pois era sua obrigação. Então, decidiu ouvir a jovem inconsequente, o que não seria uma boa ideia, mas voltar para casa e viver sozinha, sem pais e sem irmã também era uma má ideia.

Jogou-se ladeira abaixo, esforçando-se para não gritar enquanto rolava pela grama cinza. Quando Margaret finalmente chegou ao local, estava suja de terra e tinha grama nos cabelos. Ela pôs-se de pé rapidamente e olhou em volta, percebeu que estava cercada pelas costas de casas cinzas que tinham menos de dois metros de distância, eram pequenas e não pareciam ter menos de um cômodo. Margaret olhou a grama e percebeu que era verde. Será que ela tinha ficado maluca? Ou talvez estivesse vendo coisas? Ela não sabia.

Entrou pelas pequenas distâncias das casas, curiosa com as estranhas casas iguais. Era uma rua inteira de casas iguais, algumas de dois andares, mas sempre com o mesmo modelo. Entrava pela fenda das casas e sempre encontrava o mesmo padrão delas, era um enorme labirinto. Margaret começou a avaliar as casas, procurando nelas alguma pista. Ela não achou nada. Continuou andando até achar alguns rastros na grama, eram pequenas patas que seguiam para frente. Correu na direção das patas, rapidamente, seguindo o rastro deixado pelo animal.

Até que os rastros acabaram e Margaret viu-se à frente de uma casa de três andares, feita de tijolos de pedra. A porta da frente era de madeira lisa e duas janelas cobertas por cortinas brancas. Margaret impressionou-se ao ver que a casa tinha cores, as cortinas tinham cores, a porta de madeira tinha cor, os tijolos tinham cor; tudo tinha cor.

Margaret tocou na porta três vezes, sem ter pensado nos riscos. A porta abriu-se

com um rangido que arrepiou-a dos pés a cabeça, Margaret entrou, e a casa estava vazia. As paredes eram brancas e o piso era de madeira. Havia dois quartos, e a porta dos dois estava fechada. Margaret andou devagar até o último quarto. O silêncio era letal, e deixava o coração de Margaret cada vez mais acelerado. Tentou abrir a porta, mas estava totalmente fechada.

Você não vê...

Sussurrou uma voz na sua cabeça.

– O que eu não vejo? – Sussurrou Margaret copiando o tom de voz da voz. Andou devagar, afastando-se da porta.

Não vê que ele está levando embora. Respondeu a vizinha com o mesmo tom de voz.

– Quem está levando embora? – Perguntou Margaret, seu tom tinha aumentado.

As nossas pérolas preciosas. Ele está levando embora as nossas pérolas preciosas...

Sussurrou a voz, sem responder a pergunta da menina. Margaret pode perceber uma pitada de angústia na voz, como se estivesse sofrendo com o roubo das pérolas preciosas.

Continue... Sussurrou a voz. Continue procurando as pérolas....

– As pérolas... – Refletiu Margaret. – Cores são pérolas?! Livros!?

A voz não respondeu mais, deixando Margaret sem respostas. Margaret já estava ficando com raiva, aquelas vizinhas sempre deixavam-na sem respostas...

Deu meia-volta e foi até a porta novamente. Quando tentou abri-la, foi surpreendida: a porta estava aberta. Era um quarto pequeno de paredes brancas e piso de madeira, tinha uma janela bem no meio, trancada por cadeado. O único móvel daquele quarto era um armário de madeira na parede.

Quando Margaret colocou os olhos naquele armário, a voz voltou:

Abra. Abra...

Sussurrou a voz com pressa. Margaret correu para o armário e abriu as portas; deparou-se com um armário vazio. Franziu as sobranceiras confusa e, ao mesmo tempo, decepcionada.

– Não tem nada, vizinha enganadora. – Resmungou a menina.

Só existe uma forma de ver: fechando os olhos para o possível e abrindo para o impossível.

Margaret não entendeu bulhufas daquela resposta. Mesmo assim, fechou os olhos por alguns instantes e depois abriu-os devagar. Olhou em volta e nada tinha mudado:

Entre!

Mandou a voz na sua cabeça. Margaret achou aquilo estranho, contudo entrou no armário. O armário fechou as portas como se tivesse vida e pareceu continuar no mesmo lugar, mas quando a menina abriu as portas, estava em um lugar totalmente diferente do que estava antes.

Era um corredor apertado de paredes brancas. Margaret andou devagar pelo corredor, ainda perplexa com o que tinha acontecido. O corredor terminava em uma porta de madeira, era comprido e muito estranho para Margaret, ela nunca tinha visto um corredor tão longo. Quando Margaret estava perto da porta, algo muito estranho aconteceu, o corredor virou de cabeça para baixo, o teto ficou no chão e o piso ficou no teto.

– Ah! – Gritou Margaret, pensando que cairia no teto, mas continuou andando sem cair por todo o corredor.

Quando finalmente chegou à porta, colocou o ouvido, cautelosamente, na porta e tampou o outro. Não ouvia barulho, a sala estava provavelmente vazia. Margaret não podia confiar, ela não queria chamar atenção e não queria saber da pior maneira quem estava atrás daquela porta. Ela já tinha se arriscado demais... Ela tinha de se arriscar mais.

Bateu três vezes na porta e, imediatamente, recolocou o ouvido na porta. Alguém andava até a porta. O coração de Margaret palpitou, os mínimos segundos daquele alguém andando até a porta pareciam longas horas de ansiedade. Quando o alguém abriu a porta, Margaret quase não conseguiu segurar seu grito. Era um homem magro e alto, tinha pequenos olhos castanhos escuros e sua pele era parda. Vestia armadura de cavaleiro – o que não era preciso para derrotar Margaret – e alguns fiozinhos lisos decoravam a sua cabeça.

– Olá, senhorita Annenberg.

– Como sabe o meu nome? – Perguntou Margaret, que tentava esconder o medo da criatura.

– Sou um grande amigo de seu pai. – Respondeu o homem, que ainda parecia animado com a visita.

Um arrepio percorreu a espinha de Margaret e embranqueceu seus lábios.

– Entre! – Chamou o homem.

Margaret observou que a sala estava com as luzes apagadas.

– É... você pode ligar as luzes? – Margaret nunca ficaria sozinha com tal criatura e muito menos com as luzes apagadas. Mas ela, infelizmente, não tinha outra escolha, além de ficar sozinha com aquele homem – ou Anquelite – então que fosse com as luzes ligadas.

– É que eu morro de medo do escuro.

– Desculpe, as luzes quebraram. – Respondeu o homem, apertando várias vezes o interruptor da luz. – Pode entrar.

Margaret entrou devagar, e o homem fez questão de fechar a porta e trancá-la. A grande sala tinha quatro janelas e as quatro estavam cobertas por cortinas pretas, o piso era de madeira e as paredes eram pintadas de branco. Ao lado da porta ficavam duas cômodas de madeira, perto das janelas ficavam duas enormes pilhas de roupas, provavelmente sujas. Uma escada branca se estendia do segundo andar e atrás dela ficavam duas estantes brancas.

– Está com fome, senhorita Annenberg? – Perguntou o homem, ainda bem-humorado.

– Não.. não... – Gaguejou Margaret.

– Ótimo – Disse ele e, com rapidez, acrescentou:

– Vamos para a cozinha.

VI – AS HEROÍNAS DE ANNENBERG

Margaret o seguiu até um dos últimos cômodos do segundo andar. Quando finalmente chegaram, o homem abriu a porta e Margaret engoliu seco vendo o ar assustador da cozinha. As paredes eram pretas, como se fossem queimadas, e o chão igualmente. No meio do cômodo, havia um caldeirão cor de sombras segurado por correntes de ferro grudadas no teto, dele saía uma fumaça branca, que subia por um buraco redondo na parede. Alguns armários de madeira ficavam na parede, o espaço de vidro deles permitia ver alguns vidros com líquidos dentro. Margaret ficou paralisada.

– Entre, não há nada a temer. Pousou as mãos nos ombros da menina, um sorriso maldoso dançava em seu rosto magro.

– O que você quer? – Sussurrou Margaret.

– Eu quero a maneira de pensar e a maneira de viver de todos. – Sibilou o homem.

– Você impede as pessoas de serem felizes. – Disse ela, tomando coragem para enfrentá-lo.

O Anquelite gargalhou maleficamente.

– Felicidade, querida, não é nada. – Gargalhou ele, tirando as longas mãos finas dos ombros de Margaret.

– Felicidade é tudo. – Retrucou Margaret.

– De que felicidade você fala? – Perguntou o homem, virando o rosto para a

menina. – A felicidade de comprar, a felicidade de vingança ou felicidade de achar algo que não é seu?

– Eu falo da felicidade verdadeira. – Completou Margaret.

Ludovic gargalhou. – Existe ainda? – Perguntou ele.

– Existe, mesmo que seja pouca e você não tem o direito de tirar a pouca felicidade dessas vidas agitadas: as cores.

– Cores? Não passam de uma distração sem necessidade.

– Essa foi a ideia que você colocou na cabeça de todo mundo.

– É o certo. – Disse ele, distraído com os vidros. – Se as pessoas pensam da mesma maneira é muito fácil ganhar uma eleição...

Margaret paralisou por alguns minutos e depois continuou com a voz um pouco mais baixa:

– Está admitindo? – Perguntou ela.

– Sim. – Respondeu ele e, em seguida, virou o rosto magricelo de uma forma assustadora para Margaret, um sorriso maléfico estendia em seu rosto: – Ou, você acha que vai voltar para contar a alguém?

O coração de Margaret palpitou fortemente dentro do peito. Recuou, enquanto Ludovic continuava encarando-a com os olhos arregalados, deslizou uma de suas mãos pela porta até encostar na maçaneta e tentar abrir; fechada, como ela previa. Encarou o monstro e engoliu seco, agora ela tinha chegado ao final da floresta e não tinha outras alternativas além de encarar a alcateia...

Observou a fumaça subindo pelo buraco redondo.

– Sabe qual é a melhor forma de fazer um Feitiço de Dominação, senhorita Annenberg?

Margaret fez que não com a cabeça e manteve o olhar frio como gelo.

– Escondendo os rebeldes. – Rosnou, batendo duas vezes as mãos. Um buraco redondo se abriu no chão, bem onde Margaret estava.

– AHH! – Gritou a garota, caindo no buraco aberto no chão, ainda foi possível ouvir a risada da criatura maléfica.

O escorregador seguia reto o seu caminho, o que era uma sorte imensa. Quando Margaret finalmente chegou ao final, viu-se em uma sala escura, totalmente vazia, com apenas dois degraus que Margaret ainda não tinha tido coragem de descer. A sala era sombria e não se sabia o tamanho dela, pois a escuridão escondia, não parecia ter janelas ou qualquer outro tipo de iluminação, a não ser duas velinhas colocadas sobre um suporte na entrada.

Margaret sentiu um arrepio, seria aquela a sua prisão? O lugar onde viveria o resto dos anos da sua vida? Só que aquele lugar ainda podia piorar, mas Margaret não sabia ainda. As velas apagaram-se com um vento forte que passou pela sala, não se sabia de onde vinha pois a sala não tinha janelas. Margaret desceu os dois degraus devagar, com uma coragem que não tinha.

– Quem está aí?

Ninguém respondeu. Seguiu em passos pequenos para frente, a respiração entrecortada, e o coração querendo fugir de seu peito.

– Quem está aí?

Ouviu passos, e um vento amedrontador passou em volta dela. Ela podia sentir algo andando em volta dela.

Uma risada invadiu a sala, acabando com o silêncio assombroso. A menina correu pela sala, mas foi pega e levantada no ar por um tentáculo bioluminescente.

– AHH! – Gritou, lutando para livrar-se do tentáculo. Ela mal via o rosto do monstro, pois ele mantinha-na virada para frente.

Ouviu duas risadas em uníssono, a risada que se juntou era de uma mulher, provavelmente, a dona do tentáculo.

– Quem mandou bisbilhotar? – Perguntou a mulher sarcasticamente.

– Socorro!

– Ninguém vai ouvir, lindinha. – Zombou a fera.

A menina esperneava e fazia de tudo para se soltar, mas quanto mais ela tentava, mais o tentáculo apertava. De repente, pequenas luzes começaram a brilhar na sala, como pequenas bombas luminosas, junto elas carregavam uma canção, impossível de ser identificada e, ao mesmo tempo, maravilhosa.

O tentáculo afrouxou a menina, que finalmente pode respirar.

– Isso não é bom. – Murmurou a monstro.

Seria aquela a salvação de Margaret? Ou sua vida teria mesmo um final trágico? Suas esperanças tinham morrido por poucos instantes, mas como uma fênix, estavam voltando das cinzas.

– Solte-a! – Disse uma vozinha.

– Vocês não são nada mais do que vozes. – Zombou o monstro de tentáculos.

– Somos um exército de vozes. – Sussurrou a vozinha. Era incrível que se pudesse ouvir os sussurros, pareciam ecoar pela sala.

– Um exército de vozes que não fazem nada além de falar, falar e sussurrar. – Continuou zombando o monstro, dava para perceber o sorriso em sua voz.

– Um exército de vozes que ainda tem suas habilidades. – Sussurrou a vizinha.

A monstro gargalhou.

– Mostre-me. – Desafiou a monstro.

– Está bem! – Concordou a vizinha. – Permissão para começar!

O monstro bateu duas vezes as mãos, e uma jaula grande de ferro apareceu. Abriu a porta com outro tentáculo e trancou a menina lá dentro com um cadeado.

– Entregarei-a se conseguir me vencer. – Negociou a mulher-polvo, a monstra era metade mulher, metade polvo.

Seus tentáculos eram de cor azul escuro, a sua pele era mais clara, mas mesmo assim era azulada, seus cabelos eram tentáculos menores enrolados em um coque e os seus olhos eram azuis vibrantes.

A vizinha continuou em silêncio, e as luzes voltaram a acender no ar. A mulher-polvo voltou a gargalhar, estava totalmente segura de que aquelas vizinhas só sabiam ameaçar. Mas seus olhos arregalaram-se quando ela percebeu o que estava acontecendo.

Uma cobra verde água muito grande em comprimento apareceu, ela ocupava quase a sala inteira. Seus olhos sempre estavam fechados e quando os abria revelava lindos olhos verdes claros. A cobra arrastou-se devagar até bem perto do monstro e abriu os olhos verdes, mostrando toda a sua beleza. A mulher-polvo ficou paralisada e não se mexeu mais.

A cobra foi com os olhos fechados até a jaula, enroscou-se nas grades até chegar ao cadeado, mostrou os grandes caninos venenosos e mordeu o cadeado, que se rebai-xou a cinzas no chão de concreto. Depois afastou-se dando chances para a menina sair. Olhou em volta, e viu o Homem dos Ventos, até que parou os olhos em uma parte escura da sala e arrastou-se devagar até lá. Sibilou e deu meia volta.

– Você é a vizinha, não é? – Perguntou a garota.

A cobra fez que sim com a cabeça.

– Como vamos sair?

A cobra olhou para o escorregador preto, e Margaret seguiu seu olhar.

Quando elas chegaram na entrada, Margaret percebeu que uma corda com um nó no final estava saindo dele.

– Vamos subir por isto? – Perguntou Margaret, pegando a corda em mãos.

– Vocês não vão subir a lugar nenhum – Disse a voz. Aquela voz era reconhecível...

– Ataquem vozes! – Ordenou Margaret, girando e vendo que era La Fontaine.

A cobra desapareceu, e a vizinha não deu mais sinais de estar ali. Depois de alguns segundos, La Fontaine gargalhou como se tivesse ouvido uma piada. Margaret pegou a corda e foi rapidamente puxada para cima.

– Não adianta correr. – Gargalhou o monstro pelo escorregador.

Ela estava na cozinha em menos de um minuto depois, com ajuda da corda, saiu pelo buraco redondo que ainda estava aberto. Tudo estava silencioso, a não ser pelo borbulho do Feitiço de Dominação, o silêncio estava sufocante e o frio pareceu aumentar.

Margaret tentou abrir a porta, que abriu-se com um rangido assustador. Margaret só sentia o medo de cumprir sua missão e, principalmente, não salvar sua irmã e seus pais. Saiu pelo corredor escuro do segundo andar, andou até a última porta do corredor e ouviu risos atrás dela. Abriu a porta e deparou-se com uma longa escada de madeira que levava para baixo, onde foi possível ver várias gaiolas.

Quando desceu totalmente, não viu nada além de grandes gaiolas redondas vazias.

De onde saíam as risadas juvenis que aumentavam cada vez mais? Perguntava-se.

A sala era um grande vazio, além da plataforma de madeira, escada e as gaiolas brancas. Margaret girava procurando cada vez mais as crianças. Existia um raiuzinho de felicidade em seu coração, eram risadas felizes, existia algo além do preço para que aquelas crianças fossem levadas de suas mães.

– Margaret! – Aquela voz era familiar.

– Margaret! – Outra voz familiar.

Margaret não sabia de onde vinha, girava como uma maluca, procurando.

– Mãe! Oliva! – Gritou Margaret. – Cadê vocês?

– Abra as jaulas! – Gritou a mãe com toda a força.

– Eu não tenho a chave!

– Abra com os poderes! – Gritou senhora Veline.

– Que poderes? – Perguntou Margaret.

Elas não responderam mais. Margaret lembrou-se da frase de uma das vizinhas traidoras que tinham guiado-na, ela disse que só havia uma forma de ver, fechando os olhos para o possível e abrindo para o impossível.

– Como eu faço isso? – Perguntou-se.

Andou até a ponta da plataforma, fechou os olhos por alguns segundos e deu um passo para frente. Se não tivesse dado certo, Margaret teria caído de cara no chão, mas não foi o que aconteceu, Margaret entrou, de alguma forma, dentro de um poço

de pedra, como se atravessasse o chão. Quando abriu os olhos, estava no poço e no final dele, algo brilhante cor de ouro afundava cada vez mais. Nadou, nadou e nadou, até chegar ao final do poço, iluminado pelo brilho da chave, mas quando chegou a chave estava presa no final do poço.

Pegou a chave com a maior facilidade. Facilidade esta que pensou que não teria. Rapidamente, nadou de volta para cima e, quando chegou, empurrou a tampa do poço e subiu para a superfície com a ajuda de uma escada branca.

Subiu para a plataforma de madeira e abriu a primeira gaiola; crianças começaram a aparecer. Margaret abriu todas, rapidamente, sem nem ter tempo de olhar seus rostos e, quando chegou à penúltima do lado esquerdo, teve tempo de olhar, era Oliva Annenberg. Oliva pulou nos braços da irmã e as duas abraçaram-se.

– Eu nunca tinha sentido sua falta, sabia? – Cutucou Oliva.

– Eu também não. – respondeu Margaret. – Eu tenho que abrir a dos outros.

– Eu abro. – Disse Oliva, pegando a chave da irmã.

Abriu a gaiola de todos, principalmente, da mãe, senhora Veline Annenberg, que abraçou as duas filhas com muito amor.

– E o que fazemos agora, mãe? – Perguntou Margaret.

– Saímos daqui com essas crianças. – Respondeu senhora Veline.

– Crianças, vamos embora! – Gritou Margaret.

As crianças vendo que a maluca tinha atravessado o chão, resolveram obedecer.

Correram dali rapidamente, pelas escadas, pelo corredor e pelo armário, até que quando todas as crianças já estavam fora do armário, Margaret sentiu falta de alguém e percebeu que esse alguém era a sua mãe. Quando Margaret olhou para trás, o armário tinha sumido completamente. As portas para o outro mundo, esse que ninguém tinha conhecido até agora, fecharam-se para sempre, e elas nunca mais se abrirão para o mundo humano.

O fim da missão tinha chegado. As casas foram pintadas de colorido, as flores voltaram a nascer na grama, e as cores coloriram a vida, que não parecia mais cinza. A cidade de Letroff tornou-se a cidade mais colorida e com menos poluição de toda a terra.

A história das duas heroínas de Annenberg ficou conhecida por todo o universo.

Geovana de Oliveira Nascimento

**EPG Dorcelina de Oliveira Folador
Prof.º Lisandri Sanches Padovan - Turma: 5ºE**



Nasceu em Guarulhos, São Paulo.

Aos nove anos, descobriu que gostava muito de escrever.

Certo dia, no 5º ano, uma professora apresentou um concurso de escrita e resolveu participar dessa experiência literária.

Gustavo Henric Costa
Prefeito

Alex Viterale
Secretário de Educação

Fábia Costa
Subsecretária de Educação

Solange Turgante Adamoli
**Diretora do Departamento de Orientações
Educativas e Pedagógicas**

Comissão Organizadora do Concurso

Ana Paula Lucio Souto Ferreira
Camila Zentner Tesche
Carolina Gilli Hadg Karkachi Rocco
Gláucia Antonovicz Lopes
Simone Neves de Araújo Mariano
Solange Turgante Adamoli

Divisão Técnica de Comunicação Educacional

Ana Paula O. A. Santos, Anna Solano, Bárbara Braz, Carla Maio,
Camila Rhodes, Catharina Araujo, Danielle Chaves, Diego Alves,
Eduardo Calabria, Gezer Amorim, Maira Kami, Mateus Barboza,
Rodolfo Santana, Talita Siebra e William Ferreira.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
Rua Claudino Barbosa, 313 - Macedo - Guarulhos/SP
CEP 07113-040 - TEL.: 2475-7300
<http://portaleducacao.guarulhos.sp.gov.br>

2º semestre de 2024



Onde estão as cores? Essa é a grande questão que Oliva e Margaret buscam responder. Em uma narrativa misteriosa e cheia de encantos, essas duas heroínas mostram o poder da união e como os livros são mágicos companheiros de aventura...

Este livro faz parte da Coleção criada para o Concurso Literário “Os Pensamentos Voam e as Palavras se Conectam: Da Diversidade Humana à Diversidade Literária”, realizado em 2023. O concurso teve o objetivo de valorizar as produções literárias das escolas, de modo que promovesse um espaço para que crianças, jovens e adultos expressassem suas ideias e vivenciassem o processo de criação de livros.



Guarulhos
CIDADE
EDUCADORA

